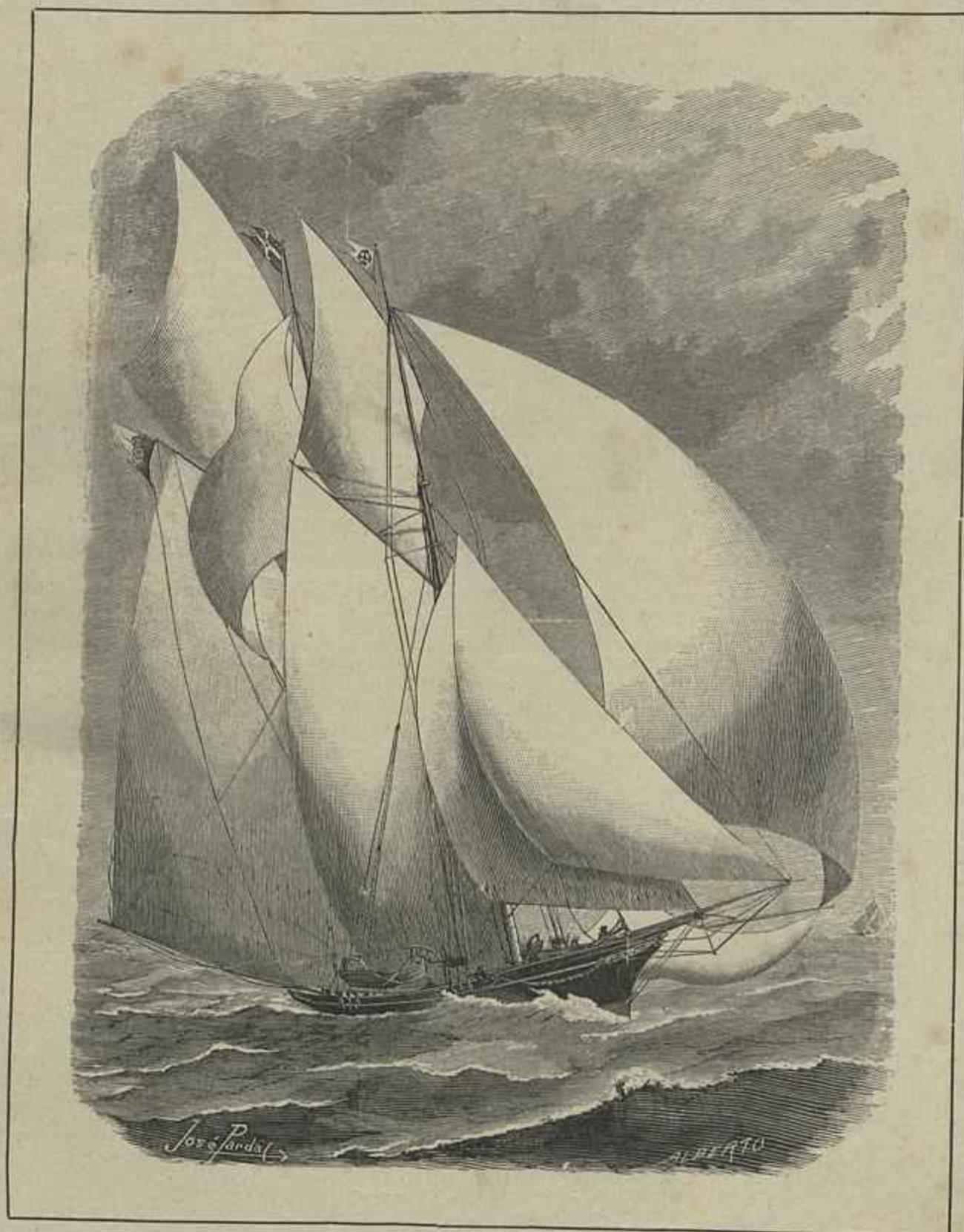


# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 9 n.ºs	N.º à entrega	18.º Anno — XVIII Volume — N.º 599	Redacção — Atelier de gravura — Administração
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	8950	3120	15 DE AGOSTO DE 1895	Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Cactano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



O YACHT «LIA», DE SUA Magestade EL-REI D. CARLOS, VENCEDOR NA REGATA INTERNACIONAL DE LISBOA, EM 29 DE JUNHO DE 1895

(Desenho do sr. José Pardal)



## CHRONICA OCCIDENTAL

Andam policias em roda viva. Já não teem pernas para correr, não tem bochechas para apitar. Uma carregação de vadios embarca todas as noites no Arsenal e vai abarrotar os porões dos navios de guerra.

Veem cheios de artigos os jornaes. Polemica accesa entre alguns que fallam em nome da tranquillidade das barrigas e da quietação das algebeiras e outros que discursam invocando principios mais altos de justiça e de liberdade.

Jornaes discorrem, policias correm; jornaes despejam argumentos, policias pejam navios; teimas d'um lado, tira-teimas do outro.

E os vadios não de ir por ahí fóra ou voltar por ahí dentro, conforme puderem governos. Jornaes e policias não de cançar e o que fór soará ou não, conforme o cançasso de cada um.

Mas o que é facto é que muitos de entre tantos que lá foram e a que a policia deitou mão, alguns pelo menos, davam à cidade nocturna um aspecto misterioso e pittoresco que é pena ver acabar, máu grado a diminuição nas partes policiaes d'um ou outro roubo em galinhas de quintal, uma ou outra facada em sitio proprio.

Não falamos, é claro, do fadista, que esse, ha muito, com a rabona, o chapéo de côco e as theorias perdeu todo o feitiço que ainda o podia tornar sympathico e lhe dava ás vezes nome muito além das fronteiras do bairro em que vivia, celebre nas esperas dos toiros, nas madrugadas do Campo de Sant'Anna, em noites de luar nas hortas. Não deixou de usar faca, mas já não toca o fado na guitarra, toca o rasga no acordeón. India com elle.

Mas havia uns typos, velhos quasi todos, que um mysterio envolvia e a quem não era possível suppôr vida senão a horas mortas. Eram feitos de sombras, d'ellas sahiam, com ellas desapareciam.

Seguiam pelos bairros escuros, arrimados ás paredes humidas, esverdinhadas, dos beccos cheios de recantos, em que os candeieiros a meia luz desenhavam sombras a dançarem com o vento. Sobre a lama escura, molle, embebida de podridões, os passos não faziam bulha. Pareciam sahir d'um inferno de angustias. Tinham cabeças lividas como de espectros. Caminhavam arrastando os pés, condemnados fatidicos, remexendo os labios devagarinho, os olhos cheios de febre, a mão esguia, branca, descarnada, tremula, com os dedos espastados, sahindo dos farrapos, como indicando o caminho fatal de todas as noites. Pareciam abortos, filhos d'um crime e d'uma superstição.

E na cidade cheia de pesadelos faziam correr pela espinha da gente o calafrio dos mysterios.

Ha um mez, pouco mais, encontrei na travessa do Corovêlo, ou nome parecido, proximo à rua do Arsenal, uma preta bebada chorando.

— Que tens, preta?

— Sió, não tenho dinheiro pá cama. Medo policia.

E tanto chorava a preta, tão commovida, que lhe dei um tostão.

A cama custava lhe tres vintens.

Ella olhou para mim, cheia de reconhecimento, depois para a cedula, depois outra vez para mim, com o olhinho muito avinhado.

Sobejava-lhe um pataco

E muito meiga:

— Paesinho quer tomar alguma coisa?

Santa pretinha, que será feito d'ella? E d'aquelle tistico todo vestido de negro, alto, mal sustentando se nas pernas, melenas cahidas, que todas as noites ia com a tosse cavernosa acordar o ecco celebre do cemiterio dos Prazeres? E d'aquelle velho, velho, decrepito mas com um ar eterno, como os *Sete Velhos* de Baudelaire, que ia, com um sorriso máo da sua bocca negra, todas as noites, ouvir o ressonar estúpido de animaes cançados nas lojas subterraneas dos becos sujos da Mouraria?

Abortos, larvas, fantasmas monstruosos, que appareciam a horas mortas, e sumiam-se aos primeiros alvares da manhã, que foi feito d'elles?

Sumiram-se como os sonhos. Viram a luz do dia, sumiram-se.

Fazem falta na cidade. Nunca mais lhes não de reflectir as imagens as poças d'agua estagnada, verde, espelho livido na calçada sob os candeieiros tremulos.

As noites são hoje dos sonhadores. Os noctambulos podem agora mais a vontade murmurar á brisa, confiar á lua, visões de amor, castellos de gloria, palacios diamantinos.

Andam sós ou em bandos, até altas horas. Falam de amor, de versos, de fortuna que não de fazer. O luar excita-os, sobe-lhes ás cabeças, n'estas noites rutilantes de agosto.

Invocam-se visões. Confiam-se nas estrellas.

As dores adormecem.

Os apaixonados sorriem para uma esperanza que o sol da manhã ha de apagar, quando fechar as flores dos cactos espinhosos. Os poetas deliraram. Teem as cabeças cheias de enredos. Os outros sonham fortunas e são os que falam mais.

— Quando eu montar a fabrica de telhas de cortiça impermeavel, tu verás. Faço-te uma edição completa das tuas obras.

E o outro, a ruminar versos que nunca não de ver a luz.

— Mas isso quando será?

— Isto é um paiz de idiotas. Quem tem dinheiro mette o na agiotagem. Por outra forma não sabem. Os meus calculos estão feitos. Sabes tu quantos telhados eu teria por anno em Portugal?

E começa:

— Eram precisos trinta contos para principiar. A' minha parte deverei ganhar mais de setenta por anno. E olha que dava cento e quarenta ao capitalista. Os calculos estão feitos. São duzentos e dez. Não falha. São umas bestas!

Um outro é muito mais modesto. Esse contava se em ter no rez do chão d'uma loja de barbeiro um casinhoto para passar a ferro chapéos altos.

— Percebes! Quem não passa a ferro o chapéo é porque naturalmente tem que fazer, não quer estar á espera. Assim todos passam. Percebes? Enquanto um faz a barba não lhe custa nada. São quinze tostões certos. Mas certos, certos, percebes?

— E tu? A tua peça?

— Se Deus quizer, ha de ser traduzida em hespanhol. Esta isso quasi certo. Depois d'alli irá a Paris, á Alemanha, á Suecia. Não me hade esquecer mandar um exemplar ao Ibsen.

— Isso, faze isso. Até depois me podes emprestar os trinta contos para os telhados...

— Conta com elles. Podes ter a certeza de que eu, quando tiver a fortunasinha, nunca me hei de esquecer dos que foram meus amigos na adversidade.

— *Amicus certus in re incerta*, disse o que quer engommar chapéos.

A manhã começou a clarear o céu. É o dia impudico com todo o seu cortejo de desillusões, de más noticias, de bulhas que irritam os nervos, de credores que batem ás portas, de prosas que dasafinam.

Os sonhadores retiraram-se, de olhar baixo, dorsos curvados, mãos atraz das costas.

O homem dos telhados de cortiça tem pinceladas verdes na sobrecasaca preta e toques ruios no pello do chapéo alto. Vaé comendo pitadas do meio pñosinho que leva na algebeira de traz, afflicto com um credor de dois tostões e com o almoço do dia seguinte.

Amanhece. Apagam-se os candeieiros. No céu extinguem-se as estrellas. Tocam as alvoradas nos quarteis. Erguem-se nas altas chaminés orgulhosos penachos de fumo. Os galos nos quintaes cantam triumphantes. Os altos da cidade incendiam-se. Nasceu o sol. As casarias projectam nas ruas sombras enormes.

A cidade acorda.

Dentro em pouco, o movimento sempre crescente vaé animar essas ruas ainda ha pouco desertas. O ar enche-se de luz e cantos. Tocam as sinetas das fabricas. Operarios passam correndo, sobraçando as ferramentas. Começa a vida, começa o trabalho, começa a lucta. Carros pesados fazem estremecer as casas. Ouvem-se pregões, apitos de americanos, ruidos de engrenagens.

O sol subiu. Inundou de luz as praças.

E nos leitões os apaixonados estorcem se em convulsões de raivas, de desejos, de saudades, de ciúmes; os poetas procuram rimas estranhas, imagens novas, enredos complicados, situações originaes; os sonhadores da fortuna teem calafrios de fome, odios de anarchistas, terrores da campanha, desejos de suicidio.

E, quando a noite outra vez voltar, todas essas dores não de encontrar outra vez alivio, e elles sonharão, noctambulos, enquanto os outros dormem, cançados do dia, um somno benéfico, um somno santo.



## AS NOSSAS GRAVURAS

### O YACHT «LIA»

Fez parte do programma das festas do setimo centenario de Santo Antonio, a regata internacional, que se realisou, no dia 29 de junho.

Este numero do programma era um dos mais importantes, por ser o que melhor se justificava n'uma nação maritima como Portugal, e no vasto e formo o Tejo sonde poderiam concorrer todos os barcos de recreio que se empenham n'estas corridas fluviaes, que em Inglaterra e na França, são tão importantes e populares, como as corridas de cavallos.

Entretanto a regata internacional, do dia 29 de junho, não teve o exito que era de esperar, porque apenas do estrangeiro veio concorrer um yacht francez ao primeiro premio, e dos portuguezes poucos entraram na regata.

Esta falta de concorrência de barcos estrangeiros explica-se pela razão da regata de Lisboa coincidir com outras regatas que ao mesmo tempo tinham lugar em França e em Inglaterra.

Para as corridas de yachts havia dois premios sendo o primeiro de 1:000.000 réis, offerecido pelo governo, e o segundo de 500.000 réis offerecido pelo sr. marquez de Franco.

Ganhou o primeiro premio o yacht *Lia*, de Sua Magestade El Rei D. Carlos, que concorreu.

É um elegante barco de 112 toneladas e que mede de comprimento 30<sup>m</sup>; largura 5 60<sup>m</sup>, calado á ré 3 60<sup>m</sup> e á proa 2,30<sup>m</sup>.

Foi comprado por El Rei, em Inglaterra, ha dois annos.

As camaras estão decoradas com muito gosto e arte e, alem da rica mobilia que as guarnece, veem-se ali lindas aguarellas e photographias relativas a assumpto de *sport*, devidas a El-rei D. Carlos que é um artista de fino gosto.

O *Lia* é um dos melhores barcos de recreio conhecido no mundo do *sport* e El-rei tem além d'este o yacht a vapor, *Amelia*, a chalupa *Flye* e varias guigas para corridas.

O commandante de todos os barcos de recreio de El-rei é o conhecido explorador africano e distinctissimo official de marinha sr Roberto Ivens, ajudante de ordens de Sua Magestade.

O mestre d'este barco, é o sr. José Guerreiro Martins muito habil e perito na arte nautica.

No nosso entender as regatas deviam ser entre nós um dos divertimentos mais preferidos na época propria, pela sua utilidade e porque mais nos deviamos interessar.

Infelizmente não acontece assim e, em quanto no paiz se repetem por toda a parte as estupidas e brutaes corridas de touros, as regatas apenas se realisam uma ou duas em cada anno, em Lisboa e essas mesmo, com pouca concorrência, porque os reclames da imprensa incitam muito mais o povo para as touradas do que para estas diversões fluviaes, que deviam ser tão nacionaes e de tão gloriosas recordações.

### O AQUILA

Está, actualmente, nas aguas do nosso Tejo este elegantissimo yacht, o maior barco de recreio que ostenta a bandeira portugueza.

É propriedade do opulento proprietario michaelense sr. commendador Clemente Joaquim da Costa, e traz a seu bordo um sobrinho d'este cavalleiro.

O luxuoso yacht foi contruido n'um estaleiro da ilha de S. Miguel, ha cerca de dezoito annos; interiormente corresponde á graciosidade externa do seu casco. O convez apresenta a decoração e ornamentação de uma sala: é aprimorada a talha que a reveste, denunciando em tudo em extraordinario bom gosto da parte do seu primitivo possuidor que foi o sr. Conde da Fonte Bella.

A madeira, as ferragens, é da melhor qualidade. As pequenas camaras, communicantes entre si, são de magnifica apparencia. Constituem pois a mais bella e alegre mansão fluctuante em que concorre, disposição, riqueza de mobilia, tudo, emfim.

A formosa embarcação é de elegantissimas formas e está fabricada com todo o apuro. A popa e a proa escorçam se em airoas curvas e quando nos seus dois graciosos mastros solta ao vento as

suas enormes velas, velejando á holina, fendendo com a proa, as aguas, deixando um rasto de espuma. *O Aquila* semelha perfeitamente uma ligeira ave voando á superficie dos mares.

Dirigido por um habil marinheiro tem o lindissimo barco zombado das maiores tempestades, longas semanas, algumas vezes, se tem encontrado a *capa* em pleno oceano.

Por isso é sympathico o barco portuguez, pois mantem a tradição heroica dos nossos navegadores.

Vem tomar parte nas proximas regatas de Cascaes.

Já ha annos, quando tambem estive n'aquella bahia, foi *O Aquila* visitado por D. Luiz.

## DR. MOISÉS GONÇALVES

Publicando hoje o retrato do auctor de um notavel trabalho recentemente publicado, sob o titulo de *Os dentes humanos*, prestamos a nossa homenagem a um talento que honra verdadeiramente o seu paiz. O dr. Moisés Gonçalves, distincto especialista e discipulo do *Dental College* de New-York, apresenta na sua valiosa obra muitos conhecimentos, entre nós perfeitamente novos, mostrando estar a par de todos os progressos da sciencia a que se dedica.

O *Dental College* de New-York é o primeiro estabelecimento de educação odontologica do mundo, e tem d'alli saído homens notabilissimos. Foi um dentista americano, por exemplo, o grande descobridor da anestesição, um dos mais valiosos passos da cirurgia moderna. Como entre nós não ha o mais rudimentar curso odontologico, e os nossos dentistas apenas fazem um simples exame pratico na Escola Medica de Lisboa para se habilitarem, o curso do *Dental College*, que tem 3 annos de profundo estudo anatomico da cabeça, põe os seus alumnos acima de todos os outros.

O livro do dr. Moisés Gonçalves demonstra claramente a sua grande superioridade entre os que se intitulam especialistas; e bastariam as opiniões auctorizadas dos drs Sousa Martins, Thomaz de Carvalho, Joaquim Jacintho e outros, para o provarem evidentemente. Todos estes nomes firmaram já o seu grande apreço ao notavel livro do dr. Moisés Gonçalves.

## RECORDAÇÕES DA GUERRA PENINSULAR

### IX

(Continuado do n.º 598)

Tarefa assás difficil era o trepar pela encosta íngreme para atacar a posição do inimigo; escorregando a cada momento nos seixos e pedregulhos soltos, tinhamos de subir, pé aqui pé acolá, firmando-nos em um ou outro tronco decepado. Empregando um annexim tarimbeiro: — «o que mais abundava eram foles para remendar» — e, se os francezes, em maré de bom humor, em vez de *ameixas* lhes dêsse para nos saudarem com cantigas, poderiam com acerto ter escolhido aquella aria tão celebre do Matrimonio secreto — *se fato incorpo avete* — Tão fadigosa ascensão veiu a custar a vida ao pobre capitão Payne, do 45 de linha, e assim me roubou a morte um antigo amigo. Em Buenos Ayres, havia apenas um anno, uma bala atravessára lhe o pulmão, e pode bem dizer-se, que se salvou por milagre; porém, como devem suppor, não estava ainda nos casos de entrar em activo serviço: — homem, comtudo, de rija tempera, não lhe consentiam os brios que deixasse de acompanhar o regimento. Veio com elle para Portugal e ia se restabelecendo a olhos vistos, mas commetteu a imprudencia de escalar com-nosco o monte, contando demasiado com as suas proprias forças. Mau grado seu, houve, porém, de desistir, e voltou para a retaguarda, em tal estado, que poucos dias sobreviveu aquella estafa.

Laborde defendeu como valente que era, a posição, e obrigado por fim a retirar, o fez com mão de mestre. Foi occupar outra posição, em uma aldeola, pouco maior que o nome, (a Zambugeira) e conseguiu defendê-la por largo espaço, até que pôde retirar, na melhor ordem. Quer fosse ateadado pelos tiros de artilheria, ou lançado de proposito para suster os perseguidores, a aldeia foi presa do fogo, ardendo as casas até aos alicerces, e assistimos a um d'esses espectaculos tão desoladores e tão communs em tempo de guerra: — os aldeãos corriam como doidos pelas ruas, contemplando, no auge da dôr e do desespero, os restos

abrazados de suas pobres moradas. Segundo ouvi, a divisão de Laborde era quasi toda composta de recrutas: se assim é, merece louvor a rapidez com que souberam por-se a par dos mais aguerridos soldados. Tive occasião de observar a boa ordem com que retiraram, marchando em campo aberto, sem o minimo desmando, depois que tiveram de abandonar a aldeia, e manobrando com regularidade tal, que o não fariam melhor na parada. Destacando-se por filas da direita das companhias, faziam, de vez em quando, tres meia volta e disparavam sobre os ligeiros que os acosavam de perto; entravam logo na forma, uniam fileiras e seguiam marchando em cadencia.

A marcha que fizemos para ir occupar o terreno no Vimeiro, não deu lugar a incidente digno de menção.

A posição, comquanto deficiente em condições de defeza, era ainda assim a unica que nos consentia proteger as communicações com as nossas reservas, um tanto *bisonhas*: — uma pequena agra facilitava o desembarque de provisões, municia-mentos, etc., e egualmente o recebermos dos nossos depositos maritimos reforço de tropas, algumas das quaes, desembarcando durante a refrega, se acharam logo envolvidas no calor da acção, e mal tiveram tempo para escorvar e carregar as armas.

Repellidos afinal os francezes, aos quaes iamos levando de vencida, eis senão quando, nos mandam fazer alto e retroceder para as nossas posições! Caso estranho, sem duvida, cujo motivo não tardou porém, a transpirar. Panella mexida por muitos! eis o que foi; mas o caldo felizmente, não estava ainda de todo entornado. Fallou se em bandeira a pedir treguas, e tudo o mais que em taes casos succede. Foi de marcha o dia immediato, e depois de atravessarmos as vicosas azinhagas de Torres Vedras, assentámos arraiaes na planicie de Bucellas.

Assignada que foi a convenção, e suspensas, por tanto, as hostilidades, eu e um official meu camarada, obtivemos licença para nos dirigirmos a Cascaes, aonde tinham chegado já os transportes, afim de aviarmos alguns negocios nossos, e d'outros collegas. Estava um dia de calor ardentissimo, e a estrada, cujos primeiros lanços eram pessimos, fazia um grande rodeio. Ao atravessarmos pelo meio d'uma aldeia, vimos a uma porta o padre cura, o qual, com a costumada hospitalidade, nos convidou a descansar e dar penso aos cavallos, o que accetámos de bom grado. Mal tinhamos penetrado nos humbraes do hospiteiro ecclesiastico, foi-nos servida farta merenda: — fructa magnifica e pão e vinho á proporção. Poucos instantes depois da nossa chegada, apeiou-se á porta um official portuguez, de farda cinzento-escuro, toda agalorada de prata. Participou-nos que fazia parte da Legião Lusitana, ou coisa semelhante; e, com ar pumpão e modo sobranceiro submetteu nos a um rigoroso interrogatorio: — d'onde vinhamos, para onde e a que iamos, quaes o regimento e a brigada a que pertenciamos, e assim por diante.

A meio da sabatina de catecismo, nenhum de nós se pôde conter; desatamos todos a rir, o que um tanto desconcertou o nosso inquisitorial amigo. Percebia se á legua que o bravo pretendia assumir ares de pessoa grada, e persuadir-nos que lhe assistia o direito de suspender a marcha a todo e qualquer viandante, que não podesse dar boa conta de si. Acabou, afinal, por declarar que tudo estava em ordem; depois, fitando o bom do padre, do alto de sua grandexa, houve por bem permittir que seguíssemos caminho. Foi recebida a concessão com gargalhadas ainda mais sonoras e o heroe como não visse mais nem boas, poz o pé no estribo, e tratou de se safar a unhas de cavallo.

O resto da caminhada rendeu bem mais do que cuidavamos.

(Continua)

Spectator.

## O CANAL DO BALTICO

No dia 21 de junho do corrente anno, era celebrada, no porto de Kiel, pelo imperador Guilherme 2.º, com pomposos e brilhantes festejos, a abertura solemne do novo canal, que põe em communicação directa o mar Baltico e o mar do Norte: e na mesma localidade, oito annos atraz, seu avô Guilherme 1.º, o *grande imperador*, como lhe chamam os allemães, collocava a primeira pedra para a construcção de tão grandioso e util empreendimento.

Fizeram-se representar no acto da inauguração do novo canal quasi todas as nações da Europa e os Estados Unidos da America. Envuram as suas

esquadras a Inglaterra e a Italia; mandaram divisões a França e a Russia, cujos navios para esse fim se reuniram no alto mar, entrando juntos em Kiel.

Figuravam tambem com divisões navaes a Hespanha, a Austria e os Estados-Unidos. Enviaram ainda vasos de guerra a Dinamarca, a Hollanda a Suecia, a Turquia, a Rumania, e Portugal era representado pelo couraçado *Vasco da Gama*.

Apenas estabeleceu excepção a Grecia, que allegou como desculpa o mau estado das suas finanças.

A Allemanha, com o maximo alvoroço, aguardava a realisação d'este commettimento gigantesco, do qual tão justamente se ufana, pois o tem na conta de um dos maiores padrões de gloria nacional.

Encontram, afinal, passagem livre de todo e qualquer obstaculo, esses enormes couraçados; todos os vasos da guerra e vapores mercantes de maior lote; até aqui, por assim dizer, encerrados no mar Baltico; e por esta forma dá a Allemanha um passo agigantado para a sua elevação ao grau de potencia maritima, conseguindo, não sómente acção livre para as suas esquadras, em caso de guerra, mas estabelecendo tambem um baluarte maritimo; efficassissimo refugio, e meio de defeza inexpugnável para os seus navios, em momento opportuno.

Outras vantagens, porem, de caracter mais geral e mais pacifico offerece ainda o novo canal: — vantagens que muito importam tambem á navegacão das demais nações: — estabelece para o traiego uma via maritima de muito maior segurança; e evita, d'ora avante, aos navios a antiga derrota, muitissimo mais longa e arriscada, pelo extremo norte da Jutlandia, atravez dos estreitos de Categat e de Skagerak; passagem unica, até agora, por onde navegavam annualmente e com difficuldade para cima de 200 embarcações, e em cujas aguas tantas vidas e tão avultadas riquezas se perderam.

Esta grandiosissima obra a qual, como aliás deixam antever as supra-indic. das vantagens, deve vir a constituir para a Allemanha fonte de receita importantissima, preocupava desde eras, assáz remotas, os animos das gentes tedesca e escandinava, cujos annaes maritimos registam, a datar do seculo decimo sexto, nada menos de 16 projectos, havendo, entre elles, um que ficou memorado: — devido a Christiano 4.º, rei da Dinamarca, que tentou pôl o em pratica, entre os annos de 1772 e 1785, época em que foram definitivamente interrompidos os trabalhos preparatorios. O canal d'el-rei Christiano pouca ou nenhuma utilidade apresentaria actualmente, pois a sua capacidade seria de todo insufficiente para o transitio dos enormes vasos de guerra, como dos vapores de grande lote da avarinha moderna.

Em 1848, surgiu de novo a ideia da perfuração de um canal entre os dois mares, e é numerosa a lista dos projectos, que foram successivamente postos de parte, até que se resolveu a adopção definitiva do plano do engenheiro hydraulico Lentze. Posta de lado a ideia, durante as successivas guerras de 1866, de 70 e 71, pouco depois de celebrada a paz com a França, e graças a iniciativa de um armador e grande capitalista, por nome, Dahlström, vem outra vez á tela o plano de Lentze, que serviu de base a novo projecto; reuniu-se uma companhia, e com a annuencião do Estado e a approvação pelo Reichstag do respectivo orçamento de 155.000.000 de marcos, a obra foi empreendida, tomando o Estado acções na importancia de 50.000.000 marcos; e adoptou se definitivamente o traçado que estabelecia a communicação entre Brunsbüttel e Kiel, senão os trabalhos technicos exclusivamente confiados a engenheiros allemães.

O canal, a partir da embocadura do Elba, junto da bahia de Brunsbüttel, descreve curva assáz ondulada; percorre um espaço de 98,65 kilometros e desemboca junto a Kiel. O percurso do canal, por causa do tempo indispensavel para a abertura e encerramento das diversas comportas e représas é de 12 a 13 horas. Tem aquelle de largura 64 metros, e a sua profundidade minima é de 8,5 m.; dimensões estas que foram reguladas pela lotação maxima dos grandes vasos de guerra allemães; e podem, em suas aguas, navegar a par dois navios mercantes das maiores dimensões. Apresenta, em ambas embocaduras, dois jogos duplos de possantissimas comportas, separados por gigantescos paredões, em escarpa.

Das comportas exteriores, uma dá entrada, a outra, sahida ás embarcações. As que ficam collocadas, internamente a alguma distancia, servem para regular o nivel das aguas, e são, para esse effeito, transfuradas, em gradaemento, do meio para cima, e todas ellas providas de caixa de ar,

## CANAL DO BALTICO

afim de boiarem e poderem assim manear-se com mais facilidade. Nos dois pontos extremos do canal ha, internamente, dois vastos e commodos ancoradouros, e tambem pharoes. — O peso de cada uma das robustissimas comportas, cuja resistencia é prodigiosa — está calculado em 100:000 quintaes. São deveras admiraveis os possantes apparatus hydraulicos que põe em movimento as comportas, e chegam a causar espanto os colossaes guindastes mechanicos, que servem para introduzir os navios no dique do canal. Só o custo de cada um d'estes diques foi superior a 9 000 000 de marcos.

Atravessam por cima do canal nada menos de 16 pontes. As que correspondem ás estradas ordinarias são de abrir, ao modo das pontes que galgam os canaes da Hollanda; as duas do caminho de ferro, elevadissimas, facultam passagem aos navios de alto bordo e da mais altereira mastreação. A ponte de Lovesnau, que a nossa estampa reproduz, descreve o maior arco de curva, que até hoje tem sido empregado em trabalhos do mesmo genero — pois excede a que atravessa o rio Douro, junto a cidade do Porto, e que foi construida pela casa Eiffel.

Como é facil de suppôr, apresentam curiosissimos pormenores os admiraveis trabalhos preparatorios executados para se levar a cabo tão gigantesco empreendimento, que rivalisa com as mais importantes construcções do mesmo genero, realisadas no presente seculo: Taes como os canaes de Suez e de Corintho, e o de Manchester.

A primeira das nossas gravuras representa uma secção do canal, e os respectivos jogos de comportas, pouco antes da conclusão dos trabalhos; e portanto, com o leito ainda a secco. A segunda, outro ponto do mesmo canal, já levando agua, e a grandiosa ponte de caminho de ferro, que o atravessa em Lovesnau.

P. S.

### OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

(Continuado do n.º 568)

Inferiormente, dentro d'uma tarja de flores, está o brazão da cidade, consistindo n'um colix grande, de que sae um busto de virgem coroada a qual

tem sobre o coração a mão direita. Aos lados do calix ou, talvez, taça, estão em pé, do lado direito uma serpe, e do esquerdo um leão.

O desenho e o colorido, azul, vermelho e roxo, é grosseiro no seu todo.

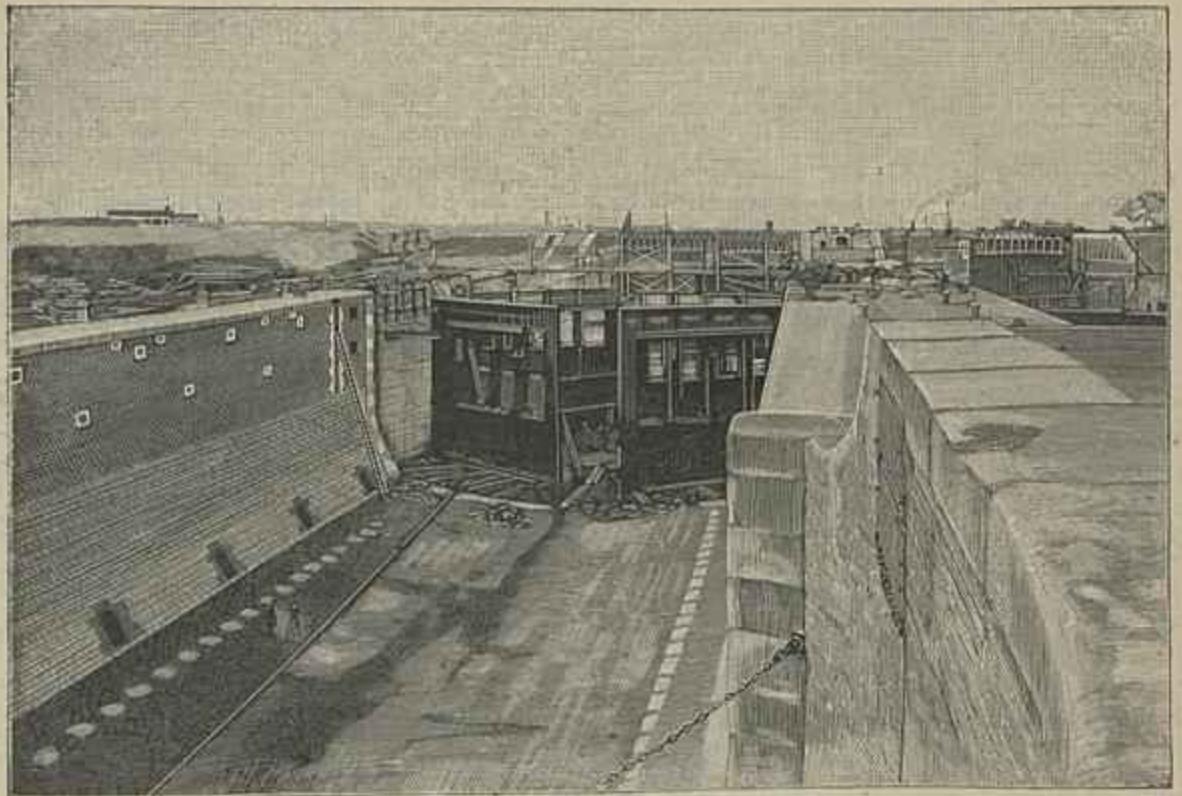
A encadernação é a primitiva e assim n'ol-o attestam as oito espheras e os dois brazões de metal dourado que protegem as capas.

**Antiphonario e Collectario**, ou um **Gradual e Livro das collectas**, manuscrito de 116 folhas de pergaminho, formato in folio, profuso de letras illuminadas, ora com simples arabescos a azul e vermelho, ora a ouro sobre vermelho.

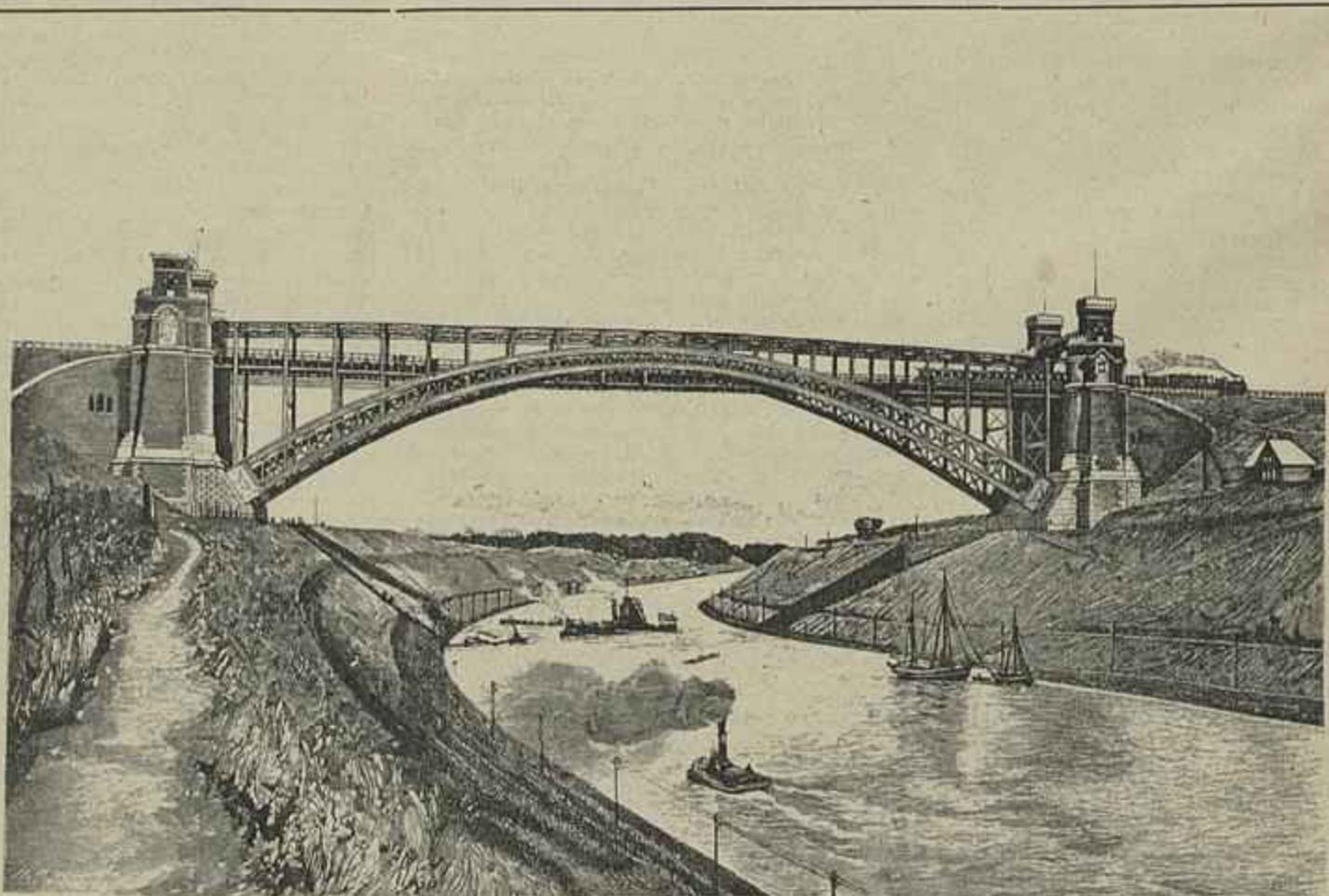
No principio ha uma tarja rectangular que emoldura a pagina, é de fundo de ouro e sobre elle estão desenhadas e coloridas algumas flores e insectos. O D inicial é illuminado. Accusa uma nimia factura.

Na pagina em que começam as collectas ha uma tarja, feita a claro-escuro azul, na qual se vêem bem desenhadas cabeças de anjo, um arnez e saio de malha, um arco e settas na aljava, pendentes de uns graciosos ornatos. A factura é artistica e apresenta uma certa graça. N'este desenho lê-se a data de 1554.

O manuscrito, referido, pertence á secção de archeologia do Instituto de Coimbra a que foi offerecido pelo socio Abel da Silva Ribeiro, em 1888.



UMA SECÇÃO DO CANAL



PONTE DE LOVESNAU SOBRE O CANAL



O YACHT AQUILA, PERTENCENTE AO SR. COMMENDADOR CLEMENTE JOAQUIM DA COSTA

(Cópia de uma photographia)

XV

BIBLIOTHECA PUBLICA MUNICIPAL DO PORTO

Mil duzentos e tantos, são os codices que compõem o peculio d'esta bibliotheca.

D'entre elles destacam-se os illuminados, que são em numero de quarenta e seis, sendo mais notaveis artisticamente os seguintes, que tivemos occasião de admirar quando visitámos esta bibliotheca. Todos esses manuscritos pertenceram a Santa Cruz de Coimbra.

Para facilitar a busca a quem porventura se soccorra d'este nosso desprezioso trabalho daremos aqui os numeros que, no catalogo impresso em 1880, elles apresentam respectivamente, e como ha varias numeraciones declaramos que nos referimos aos algarismos em typo maior, impressos á esquerda da pagina.

N.º 1 — *Testamentum vetus*. Manuscrito em pergaminho, formato maximo, letra franceza.

E' composto por 361 folios menos os que faltam no livro da Genesis. Este manuscrito contem os livros sagrados até ao II dos Machabeus inclusivê.

As capas são de madeira cobertas de couro.

As letras iniciaes são illuminadas, ora formando tarjas, ora inscriptas n'ellas. Tem arabescos e animaes as do verso do primeiro folio. Na guarda do principio lê-se em formosas letras:

*Incipit Prologus Beati Hieronimi Presbiteri in quinque Libros Moisi.*

Na composição das letras abundam os elementos animaes, são diversas figuras, cães, veados, dragões e anjos, aguias, bois alados, etc.

No fim do codice ha umas sete folhas, das quaes a maior tem cinco columnas, diversamente coloridas, descansando sobre um baseamento igualmente illuminado, e são coroadas por um intabamento com arabescos, assentando em quatro arcos mouriscos, tendo cada vão

d'arcada uma figura symbolica. São os quatro Evangelistas e as figuras tem cabeças de animaes.

N.º 2 — *Testamenti Veteris*.

Manuscrito do seculo XIII, formato grande, em

pergaminho, letra franceza. As iniciaes são coloridas. As do fim, bastante phantasiosas, abertas na côr do fundo e contornadas a preto, são ora simples entrelaços, ora animaes conjugados, etc.

O N.º 3 é outro exemplar, melhor conservado, sendo menos artistico e illuminado que o precedente. E' escripto com caracteres gothicos.

Julgamol-o dos fins do seculo XVI.

N.º 4 — *Homilias* sobre os evangelhos de todo o anno, em latim. Em folio, de pergaminho, letra caracteristica. Acaba assim:

*Explicit liber logicum in era M. C. L. XX VII. — 7.º Kalendarum. Novembris in Natale sanctorum Crispini et Crispiniani.*

Na ultima pagina as illuminuras a vermelho, de figuras d'anjos e virgens, denotam correcção. As letras iniciaes são de phantasia.

Vem n'este codice o Chronicon de que falla Fr. Fortunato de S. Boaventura nos seus commentarios á Bibliotheca de Alcobaca<sup>1</sup>. Encerra, tambem, dois apontamentos curiosos sobre os thesouros reaes de Santa Cruz.

N.º 18 — *Flavio Josepho. Historia das antiguidades judaicas.*

Manuscrito em pergaminho, em latim; com bella letra gothica:

*«Martinus Dives homo notavi thunc librum in honore Mariae et Setae Crucis. Prioratus Martini anno primo sub era M. CC. CXX. V.»*

As letras são coloridas e ornadas. A primeira tem como elemento decorativo um animal de pernas para o ar. As outras capitales são a azul e vermelho.

N.º 24 — *Psalterium*, codice escripto em gothico antigo. Em folio. Apresenta este manuscrito bastante curiosidade, pois que, na pagina trinta e nove, ha



DR. MOYSÈS GONSALVES

AUCTOR DO LIVRO OS DENTES HUMANOS

<sup>1</sup> *Commentariorum de nicobacensi matorum bibliotheca. A mais bella obra do seu genero.*

umas armas portuguezas, do tempo, as quaes estão inscriptas no centro de dois triangulos postos em signo de Salomão, por sua vez dentro de um D inicial do psalmo: *Dixi, custodiam diu meas.*

Apresentam 10 castellos o que mostram serem da época em que os castellos do Algarve se representavam em maior numero.

O B inicial é todo lavrado a azul e vermelho, muito garrido e artisticamente disposto.

O códices tem outras illuminuras interessantes, como por exemplo, a da pagina 123 na qual se vê uma imagem de Christo, no estylo byzantino. Esta illuminura está incompleta, falta colorir as roupagens.

N.º 27 — Um Psalterio, manuscripto illuminado, mandado fazer por D. Pelagio Goterres, conego d'esse mosteiro e escripto por um calligrapho chamado Fernando como se vê d'esta subscrição: *Fernand s'epsit istum psaltium. In msc Junii E. m. CC XVII*

No principio do manuscripto ha a seguinte declaração:

*Notum sit omib' qd pelagius goterri fir' fecit se bere hoc psalteriu, quod colimbriensi see crucis benigne obtulit. et quicquid illi auferte voluerit anathema sit. Rogat qd ibi illd dedit, ut is qd illud psalmos dno cantavit, illi memoriam faciat inseis orationib' suis.*

e m CCXVII

Não é illuminado, mas damol-o aqui, noticiando a existencia de um calligrapho portuguez.

N.º 28 — Missale. Lindissimo manuscripto illuminado.

A letra que é magnifica e muito nitida é bisulinhada a vermelho.

Todas as tarjas delicadamente illuminadas, constituindo um verdadeiro primôr.

No frontespicio vê se David tocando harpa; isto na letra inicial. Na tarja inferior as armas portuguezas são sustidas por dois anjos e ladeadas pelas espheras.

A folhas 132 ha uma preciosa illuminura, em toda a pagina; representa o calvario; (Jesus crucificado, a Virgem e S. João).

Na pagina 133, o D capital, vê se um sacerdote elevando a Hostia. A tarja é lindissima.

As capas tem cantos, prégos e fechos de metal.

N.º 41 — Chronica, de D. Affonso Henriques por Duarte Galvão.

Manuscripto em pergaminho em folio. E' bom a valer, faz honra ao copista, que era portuguez.

As suas iniciaes são primorosamente illuminadas. O frontespicio apresenta uma tarja verde com a cruz da ordem de Christo, e nove espheras armillares; e no meio o globo terrestre cujos continentes, coloridos de verde, e oceano de azul, mostram uma relativa precisão, admiravel n'aquella época, nos seus contornos sobresahindo o africano que se approxima muito do que realmente hoje se conhece. Ladeando o globo ha dois anjos tocando harpa, o da direita, e violão o da esquerda.

Em uma fita da tarja lê-se:

*Tu es Dom. Spes Mea.*

N'outras folhas ha lindissimas e curiosas semitarjas ou marcas imitando as fitas de marcar pagina e em algumas se lê: AVE MARIA MATER D. escripto em mimosas letras fingindo pérolas, sobre fundo côr de rosa, ponteados de ouro.

N'outras: MUITOS VÃO, MUITOS SAM Q. ENCOMENDAMOS AO SENHOR-DS.

Essas graciosas *signaculas* são muito variadas e adornadas com pedras preciosas, insectos, joaninhas e mariposas, cascas de molluscos, caracoes e mexilhões, plumas rectrizes de pavão, gallos, fructos e flores, morangos, passarinhos, motivos gothicos de architectura, tudo delicadamente miniado.

Uma d'essas marcas de pagina tem uns brazões cujo escudo é um semi-losango, com as quinas enxadrexadas sobre campo de prata lavrada. Estes brazões femininos, talvez de viuva, etiquetam-se com outros de campo côr de laranja, com a esphera armillar de ouro.

Em 1862 veiu este manuscripto á Academia Real das Sciencias de Lisboa, para ahi ser visto.

Em 1881 a ex.<sup>ma</sup> camara enviou-o á exposição de Londres.

A encadernação, provavelmente do tempo de D. Manuel, ao qual se julga ter servido, tem cravados nas pastas ornatos de metal amarello: no centro armas portuguezas com a corôa aberta.

Nos quatro cantos, uns quadrados contêm rosaceas e nas diagonaes ( quatro espheras armillares, dois fechos de metal amarello lavrado.

De Coimbra citámos outra copia, d'esta obra, decerto mais valiosa pela biographia que encerra.

N.º 55 — Missale, lindamente illuminado, tão formoso nos seus folios que até alguns, vandalicamente, foram cortados por terem despertado a cubia.

Começa pelo kalendario, seguindo-se o prefacio da Missa, notado a canto-chão n'uma só linha, o Padre Nosso e o Eterne Deus, cujos gloriosas matrem celorum imperatricem deposcimus adjuatricem. O felix Maria et omni laude dignissima, etc., com o respectivo cantochão.

Tem muitas iniciaes bicoloridas. Nas folhas do fim, ha um pequeno desenho, curioso, servindo de inicial a um dos paragraphos; as côres empregadas são rosa e azul, sendo contornado a preto.

(Continúa.)

Esteves Pereira.

## A SÉ DE LISBOA

(Continuado do n.º 598)

Por essa tal clausula, concede o celebre Alpedrinha o remanescente de muitos e varios legados que aponta, para a conclusão da torre da sé de Lisboa<sup>1</sup>. Essa torre é a do norte, mais antiga que a outra, como a sua propria côr tostada está mostrando, porque a do sul caiu em grande parte em 1755.

Effectivamente, no contraforte da esquerda tem esta torre o brazão do arcebispo D. Jorge da Costa (a roda de navalhas de Sancta Catharina); e symmetricamente fronteiro, no outro contraforte, outro escudo com uma insignia que não percebo. Examinando a com oculo de theatro, creio vêr n'ella um prumo de pedreiro; allusão possivel ás obras do mencionado cardeal.

Além d'isso, ha em varios capiteis das ventanas interiores da torre do norte a mesma insignia symbolica, a roda de navalhas.

Tenho pois por menos exacta a asserção do abade Castro<sup>2</sup>, quando me diz que na torre do norte se vê um escudo com as armas de S. Martinho, hespanhol, bispo de Lisboa, o qual em 6 de dezembro de 1383 foi d'ella precipitado pelo povo.

Recomendo tambem aos entendedores duas misulas que lá se vêem, com baldaquinos, e onde provavelmente houve estatuetas de Sanctos. Uma por cima, outra por baixo da ventana da torre septentrional.

As torres antes do terremoto grande eram de varios corpos, e acabavam em altas grimpas, segundo um desenho antigo, que Villela diz ter existido no cartorio da casa professa dos jesuitas, em S. Roque; e segundo o citado sello municipal de Lisboa, de 1352. Esse dá ás torres uma feição mui outra da que hoje teem: são dois esbeltos minaretes, com tres andares de duplas janellas quadradas, sobrejoadas de curocheos. Em baixo parece perceber-se uma galilé *à jour*, por forma que os minaretes ainda mais leves se tornam á vista.

Que depois de reconstruidas, taes quaes as vemos hoje, tiveram tambem curocheos muito agudos, demonstram-n'o todas as gravuras e pinturas, que representam Lisboa antes de 1755:

1.º A vista por Simão Beninc conservada no *British Museum* de Londres<sup>3</sup>, principio do seculo, xvi;

2.º A que saiu no primeiro volume d'esta *Lisboa antiga*, má copia de uma vasta gravura em cobre, que já tive occasião de vêr, em poder do sr. Nunes professor de gravura, mas cujas circumstancias ignoro; seculo xvi.

3.º As de Jorge Braunio, no *Theatrum Urbium*; seculo xvi; uma d'ellas é reproducção d'essa em ponto menor:

4.º A de Lavanha referida ao anno exacto de 1619<sup>4</sup>;

5.º A vista de Lisboa em 1650 mandada reproduzir em lithographia, com dizeres portuguezes e inglezes, pelo sr. José Ribeiro da Cunha;

6.º Uma soberba gravura ingleza em aço por Lemprière (*première gravée*) de que tenho a fortuna de ter comprado um exemplar, e que, por varias induções plausiveis, attribuo ao reinado d'el-rei D. Affonso vi; reproduzida depois do terremoto, sem os dizeres<sup>5</sup>;

7.º O precioso quadro grande, a oleo, que exis-

<sup>1</sup> Nunes Franklin, *Mem. sobre a vida do cardeal* — Mem. da acad. viii, p. 1 pag. 109.

<sup>2</sup> *Itinerario*, pag. 37.

<sup>3</sup> Reproduzida a pag. 314 do tom. 1 das *Ruínas de Portugal* do sr. F. de F. Benevides.

<sup>4</sup> No livro da entrada de D. Filippe em Lisboa.

<sup>5</sup> D'esta reproducção possui um exemplar o meu amigo e mestre, o sr. conselheiro Jorge Cesar de Fignière.

te na academia real de bellas artes, e que descobri ter sido pintado por Simão Gomes dos Reis no principio do seculo xviii;

8.º A vista que traz Colmenar nas suas *Description et delices d'Espagne et Portugal*; seculo xvii, redução da de Lavanha.

Creio que talvez toda a tradição confusa que attribue ao marido de Lecnor Telles a feitura das duas torres da sé, nasceu de um facto de muito pouca monta em si mesmo, isto é, a existencia de um sino, que dava horas, n'uma das ventanas, o qual, como elle proprio estava dizendo, era obra do mesmo rei, a quem Herculano chama algures, com rara sagacidade, extravagante mescla de grande principe e mentecapto ainda maior.

A inscrição resava assim, segundo Villela e outros:

LAUDO DEUM VERUM, PLEBEM VOGO, CONGREGO CLE-  
RUM, DEFUNCTOS PLORO, SATTAN FUGO, FESTA DECORO.

EN A ERA DE MIL III CCC XV ANOS (ANNO 1237) FOY ESTE SINO DO BELOGIO... DA MUY NOBRE CIDADE DE LISBOA PER MANDADO DO MUY NOBRE REY D. FERNANDO DE PORTUGAL, ET MUY HONRADO CABIDO DA DITA CIDADE. MAITRE JOAN FRANCEZ ME FEZ.

ANGELE, QUI MEUS CUSTOS PIETATE SUPREMA ME TIBI... SANA, DEFENDE, GUBERNA, MENTEM SANCTAM SPONTANEAM HONOREM DEO ET PATRIE LIBERATIONEM.

Esta inscrição está visivelmente errada, e falsa. Em vez de 1315 annos, deveria lêr-se 1415, correspondendo ao anno de 1377, em que reinava el-rei D. Fernando.

Era pois coevo este sino com as guerras de Castella, e contemporaneo da cerca das *setenta e sete* torres que nos salvou (numero esse que se julgava symbolico, e representativo do anno em que el-rei D. Fernando concluiu a dita cerca, 75, accrescentando-se-lhe o numero 2, dos annos que levou a edificar).

Debalde o procurei. Os sinos que por lá vi são muito mais modernos.

Agora, depois de historiadas succinta e fielmente as varias ruinas e reconstrucções d'este notavel edificio, vamos continuar a percorrel-o como visitantes curiosos, devassando-lhe com a possivel minudencia os escaninhos.

Do grande acontecimento nacional da tomada de Lisboa, assumpto já tratado n'estas memorias, conservou a sé preciosas recordações epigraphicas, se bem que mais modernas.

Dentro na porta travessa, *mais chegada ao pulpo, da banda do mar*, lia-se no seculo xvii este letreiro, reformado nos caracteres por se achar muito gasto o primitivo; viu-o Leitão de Andrada, e conservou-o na *Miscellanea*<sup>1</sup>; aqui o apresto, copiado por mim a vista do proprio original, que hoje (desde 1654, como diz a inscrição) se encontra dentro na galilé, ou vestibulo, na parede do lado esquerdo, orlado de uma moldura, ou ressalto, de pedra historiada:

TVNC . ANNI . DOMINI . CVM . C . M . NOTANTVR  
CVNQ . QVATER . DENIS . IIII . ATQ . TRIBVS .  
CV . PER . CHRISTICOLAS . EST . VRBS . VLIXBONA . CAPTA .  
ET . PER . EOS . FIDEI . REDDITA . CATHOLICÆ .

ERA . MILENA . FVIT . HOC . DECIESQ . VIGENA .  
VE . DECEM . DEMPVIS . IN . CHRISPINI . QVOQ . FESTO

ESTES . VERSOS . LATINOS . Q . ESTÃO . NA . PEDRA  
FRONTEIRA . SETRADVSIRAQ . NOANNO . DE . 1654 .  
CONTE . COMOESTA . CIDADE . FOI . TOMADA . AOS .  
MOVROS . NO . D . 1147 . E . DIA . D . S . CHRISPI

Na parede fronteira lê-se a mesma inscrição em caracteres allemães, ou monachaes maiusculos; e pelos indicios paleographicos pensa João Pedro

Ribeiro não ser mais antiga que o reinado do senhor D. Affonso III<sup>1</sup>.

Castilho inclina-se a que fosse já do reinado d'el-rei D. Affonso IV, de cujo tempo — diz elle — são a maior parte das coisas antigas que alli permanecem<sup>2</sup>.

Não me parece que tenha razão.

No tempo de Miguel Leitão achava-se separada em duas a preciosa lapide; e o fragmento que enerra os dois ultimos versos *Aera milena*, etc., encontrava-se então fóra da porta principal.

Tradução portugueza:

Então<sup>3</sup>, quando se contam mil e cem annos do Senhor, com mais quatro vezes dez, quatro, e tres, foi quando pelos christãos foi a cidade de Lisboa tomada e por elles restituida a fé catholica. Isto foi na era millesima e dez vezes vigesima, tirando-lhe quinze, na festa de S. Christim<sup>4</sup>;

A entrada da porta principal do templo liam-se estas inscripções hoje desaparecidas: Primeira:

ESTA SEPULTURA HE DE MARTIM DIAS PANTOJA DRAM QUE FOI DESTA SRÉ.

Segunda:

SEPULTURA DE JOÃO DE TEIYE CONEGO PREBENDADO DESTA SERR FILHO DE JOÃO DE TEIYE CONTADOR MÓR DESTA REINO, E DE JOANNA DE SOUZA, E DE SEUS HERDEIROS. FALLEO EM 28 DE AGOSTO DE 1638.

E visto que nos achamos outra vez a porta do templo, ent'emos.

Logo á esquerda, quero denunciar uma peça archeologica altamente veneravel: nada menos que a pia baptismal, que ainda hoje serve, e se julga ser a mesma onde recebeu o sacramento inicial o menino que veio a ser Sancto Antonio de Lisboa.

(Continua)

Julio de Castilho.

## UM D. JOÃO DE CASTRO DE CAPA E ESPADA

I

D. João de Castro!... Nas historias e chronicas da vida portugueza encontra-se duas vezes este nome — illustre entre os illustres. No seculo XVI immortalisou-o um d'esses homens, raros, em todos os tempos, pela elevação do espirito, pela grandeza d'alma, pelo valor sobrehumano, um d'esses varões fortes, de que falla o poeta. Sabio com Pedro Nunes, cortezão com o infante D. Luiz, terror dos piratas nos mares africanos, assombro e vencedor dos asiaticos nas guerras do Oriente, modelo de fidalgos, no tempo em que elles já principiavam a escassear, este é o D. João de Castro da historia, o heroe de Jacintho Freire, o epico, o lendario defensor de Diu, o famoso vice-rei da India!

<sup>1</sup> J. P. Ribeiro. *Dissert. chron. e crit.*, diss. vi. pag. 34 nota.

<sup>2</sup> Quadros historicos — A tomada de Lisboa — nota ultima.

<sup>3</sup> Este *Tuc*, então, dá forte indicio de que a inscripção fosse fragmento.

<sup>4</sup> A tradução que da mesma pedra traz Leitão de Andrada é quanto a mim defeituosissima; e, sobre essa pedra, assim errada, edificou elle uma longa argumentação, em que um dos seus personagens quer provar que a tomada de Lisboa não foi em 1147, mas sim em 1192. Elle traduz assim:

Então no anno do Senhor, quando se contavam mil e cento com quatro dez, e quatro tres então foi tomada Lisboa pelos christãos, e por elles tornada catholica. Quatro dez = 40) mais quatro tres, (= 12) faz effectivamente 52; mas é que o latim não diz isso; diz muito claro: *quater decis, quatuor, atque tribus annis*: isto é: quatro vezes dez, mais quatro, mais tres, ou 40 + 4 + 3 = 47. Parece-me impossivel como Miguel Leitão de Andrada se equivocou assim; e muito mais impossivel se me afigura, quando reparo em que os dois ultimos versos *aera milena* reduzem à era de Cesar o anno de 1147, sem equivocação possivel; a saber: isto foi na era millesima (= 1000) e dez vezes vigesima (= 200) menos quinze (= 1185). Tirando-lhe os 38 annos da differença da sem remissão 1247.

Verdade é que Leitão de Andrada, e tambem o doutissimo J. Ribeiro interpretam *quinque decem* (v. decem) por *unde decem*, o que repõe a data de 1152. Em todo o caso pendo sem questão para a data demonstradissima de 1147.

João Pedro Ribeiro, na citada nota á Diss. vi. conclue depois de fallar tambem na divergencia de Miguel Leitão de Andrada: *De qualquer modo, sendo a conquista no mez de outubro, tanto concorda ora com aquelle anno, sendo o da Circumcissão pelo calculo Pisano, como o da Encarnação, principiando a 23 de março, segundo o calculo Florentino.*

Depois, e não a par d'este, que figuraria com realce entre os varões illustres de Plutarcho, apparece-nos, no seculo seguinte, outro do mesmo nome, porventura do mesmo sangue, e bravo e destemido até á temeridade; porém os seus feitos tiveram mais estreito theatro, quasi não saíram das fronteiras do paiz; não os cantaram os poetas, não os proclama a historia, e ficariam eternamente ignorados, se a chronica contemporanea não se encarregasse de nos transmittir as suas proezas e aventuras.

Um verdadeiro heroe dos romances de capa e espada — este segundo D. João de Castro!

Quando vemos no theatro, apresentado por Molière, por Tirso de Molina ou por Lourenço da Ponte, com a sublime muzica de Mozart, um D. Juan aventureiro e namorado, quando o seguimos no poema de Byron, essa figura, gentilmente satânica e fatalmente seductora, tomamol-a como uma criação da phantasia d'um grande artista, um ente ideal, em que o genio incarnou os sentimentos, as aspirações, que nunca podera realisar. Quantas vezes, ao lermos as prodigiosas lendas romanticas, as dramaticas narrativas de Alexandre Dumas, admiramos a um tempo o escriptor e o inventor dos famosos protagonistas da sua celebre trilogia? Pois bem, o nosso D. João poderia, se tivesse vivido na corte de França, fornecer ao genial romancista o original d'um quarto mosqueiteiro. Fidalgo, valente, e aventureiro, era completo: não lhe faltavam nem a temeridade, levada até á loucura, nem esses desvaireados assomos de vaidade, que fazem, ás vezes, d'um heroe um assassino! Surgindo passados cem annos, este foi muito differente do outro: o primeiro, o grande, floresceu antes de Alcazer Kibir — este appareceu depois. Um destaca-se em plena luz nas grandes scenas da historia, o outro descobrimol o semi occulto nas sombras da chronica tragica da vida cortezã. Emfim, outros tempos, outros Castros!

Completo para a phantasia — protagonista d'um poema, d'um drama ou d'um romance — representa admiravelmente a sua epocha. Não seria unico na sua especie, porém é typico — era genuinamente um *valentão*. Atravez da longa, emmaranhada e escandalosa chronica da corte de D. Affonso VI e de D. Pedro II, por entre os factos politicos, religiosos, e amorosos do tempo, surge nos aqui e acolá esta figura, sempre illuminada de vermelho, sempre com a mascara da tragedia, sempre com a espada nua e gottejante! Quem é? Que destino teve? Mysterio para nós tudo isso, que ficou perdido na sombra em que o chronista contemporaneo o deixou.

Um assumpto para os eruditos, um personagem para os poetas.

II

A primeira vez que encontramos este terrivel D. João é na Chamusca, pelo S. Martinho de 1667, e, escusado será dizel o, é sanguinolenta a aventura. Que lhe faria um capitão d'quella villa, e quem era elle, é o que não sabemos. Coisa de monta seria, a avaliar pela desaffronta que d'elle tomou o nosso heroe. Grande agravo ou pequeno, que para taes homens não ha estalão por onde os posamos julgar, o que é certo é que «a esta facção tão luzida levou elle muita gente comsigo,» segundo reza a chronica, e que era grande a sua audacia, e não menor a crueldade, porque ao seu adversario, á sua victima, não lhe valeram nem o asylo sagrado da sua casa, nem a doença que o tinha preso no leito, nem as supplicas, as lagrimas e os gritos da mulher e dos filhos, porque a elle o matou, e a todos feriu o seu implacavel inimigo!

Reinava então Affonso VI, e este caso succedeu, sem que d'elle se fizesse caso, como diz o chronista contemporaneo, em phrase de trocadi-lho. Seria este D. João um dos valentões arruadores tão temidos nas encruzilhadas á noite, e tão respeitados de dia nos salões, ornatos da corte, e validos d'el-rei? Talvez, e é natural que o fosse: isso explicaria a inadvertencia e a cegueira das suas justicas, mas a D. Affonso succedeu D. Pedro, e este, apenas subiu ao poder, mandou tirar de vassa de varios crimes, entre os quaes avultava o da morte do capitão. Encarregado d'esta alçada foi o doutor Duarte Ribeiro de Macedo.

O escandalo e a atrocidade da morte pediam severa e exemplar punição. Mas se aos juzes de D. Affonso VI não chegou mesmo a noticia do crime, os de seu irmão não tiveram alguazils, que lograssem prender os criminosos, para se fazer d'elles recta justiça.

Nem uma palavra a tal respeito encontramos na chronica. Este silencio não quer dizer que ao matador coubesse a pena de talião, e que em algum d'esses recontros nocturnos, não raros entre os ranchos dos ruñões d'alta e baixa estofa, que in-

festavam as ruas de Lisboa, alguma estocada mais certa lhe tivesse — como diz o povo — cortado os fios da alma. Não — que eram grossos e rijos os taes fios, e a alma tinha-a elle bem atarraxada ao corpo, e pouco disposta a abandonal-o.

Escapou elle á justiça, ou não o quiz ella encontrar? Se se escondou ou expatriou, não andou por muito tempo fugido, nem foi mui demorado o encerro; em todo o caso nem o arrependimento, nem o temor tinham accesso n'aquella alma feroz e impenitente, porque n'aquelle mesmo anno de 1667, n'um sabbado, vespera de Nossa Senhora da Conceição, achamos envolvido o turioso *bravo* n'uma das tragedias mais celebres do tempo — a morte de Francisco de Mello, marquez de Sande!

(Continua.)

Zacharias d'Aça.



## NOVIDADES DA SCIENCIA

### A TRISSECÇÃO DO ANGULO

Por circunstancias que por agora não veem ao caso, dei-me ao pachorrento estudo de procurar a resolução d'este problema, fugindo de todas as considerações trigonometricas, e conservando-me nos strictos limites da geometria plana — rectas e arcos de circulo.

Antes de conseguir o fim proposto, encontrei uma *resolução mechanica rigorosa*, que não sei se já terá sido publicada por outrem; suppondo todavia que não, pois de mechanismos d'esta ordem apenas conheço o de tentativas, publicado por Larousse no seu *Dicc. du XIX<sup>ème</sup> siècle*, e o — *Equerre quadratrice* de J. Vallerey; sendo certo que as noticias de outros instrumentos de uso analogo, me dizem que esses são de mais ou menos aproximação.

O que nos meus estudos só me preoccupou foi a *resolução rigorosamente geometrica* do problema. Complicado ou não, qualquer instrumento seria de precisão, ou eu deixaria de me demorar a consideral-o; o que apresento assenta no seguinte:

#### PRINCIPIO FUNDAMENTAL

Dada em qualquer circumferencia (fig. 1.<sup>a</sup>) uma secante; se n'esta determinarmos a contar de *T*, (uma de suas intersecções com a circumferencia), o ponto *D*, sendo *TD* igual ao raio; unindo *D* com o centro e prolongando até *A'*, extremo do diametro, teremos construido *A'DB'*, angulo ex-inscripto, cuja medida é a semi-differença dos dois arcos *AB'* e *AT*.

Sem demonstração, qualquer estudioso, medianamente entendido em geometria plana, reconhece que estes dois arcos estão entre si, na razão de tres para um.

Fundado n'este principio imaginei (fig. 2.<sup>a</sup>) o seguinte:

#### COMPASSO

Peça 1.<sup>a</sup> — Uma regua (*DA'*) tendo no ponto *O* um eixo, de modo que, superiormente a esta regua tanto como a sua espessura, se ajuste, no dito eixo o orificio de outra peça, por baixo da qual, até ao centro do eixo, possa caber outra regua de espessura dupla da que a primeira tiver. E' a parte mais delicada da construcção. Esta primeira regua terá só meia largura, desde *A'* até um ponto além de *O*; e na parte, em que tem toda a largura, pratica-se a abertura *CC'*, na qual possa girar um cursor, de espessura igual á da regua.

No meio do cursor ha um eixo *A*, cujo centro corresponde sempre a um ponto da linha media da primeira regua, (*DA'*) podendo este centro aproximar-se de *O* até uma distancia igual a *A'O*, que denominaremos raio do compasso, e afastar-se até duas vezes esta distancia. Esta regua deve ter marcada, nos extremos da abertura, a passagem da linha media para a certeza do seu ajustamento sobre qualquer linha traçada n'um plano.

Peça 2.<sup>a</sup> — Uma haste *AB*, em forma de regua monta sobre o cursor da peça 1.<sup>a</sup>, ajustando-se por um orificio ao respectivo eixo em *A*. Em *V* tem um eixo, sendo a distancia dos centros dos eixos em *A* e em *V* igual ao raio. O comprimento d'esta haste é de tres raios; e ficam, na mesma recta, os centros dos eixos *A* e *V* e o extremo *B* da regua, que, de *B* até uma distancia igual áquella em que a primeira regua tem só meia largura, deverá ter uma dupla espessura a fim de conservar todo o apparelho perfeitamente paralelo ao plano sobre que se ajustar.

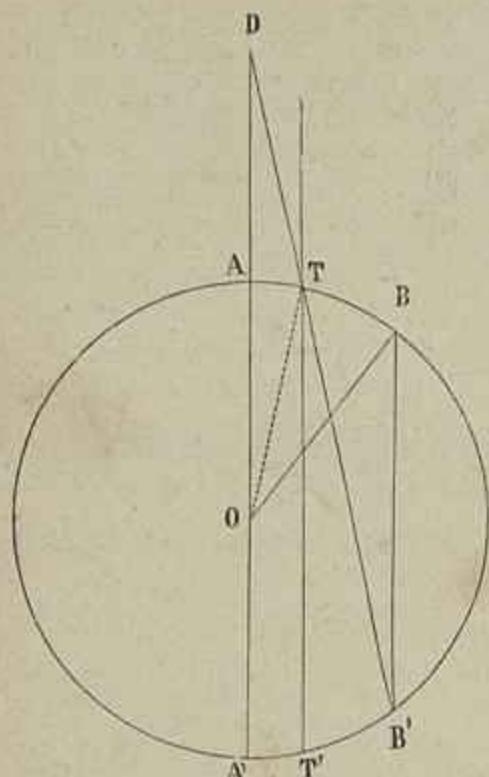


Fig. 1

Peça 3.<sup>a</sup> — Uma haste ajustando-se por orifícios nos eixos O e V, e conservando os centros d'estes eixos sempre á distancia de um raio. Estão sempre na mesma recta os dois centros e o extremo T da haste.

MOVIMENTO DO COMPASSO

O cursor, afastando-se ou aproximando-se de O, produz o movimento das hastas OT e AB aproximando ou afastando da linha DA' as linhas OT e AB sendo sempre: A'O = OV = VA.

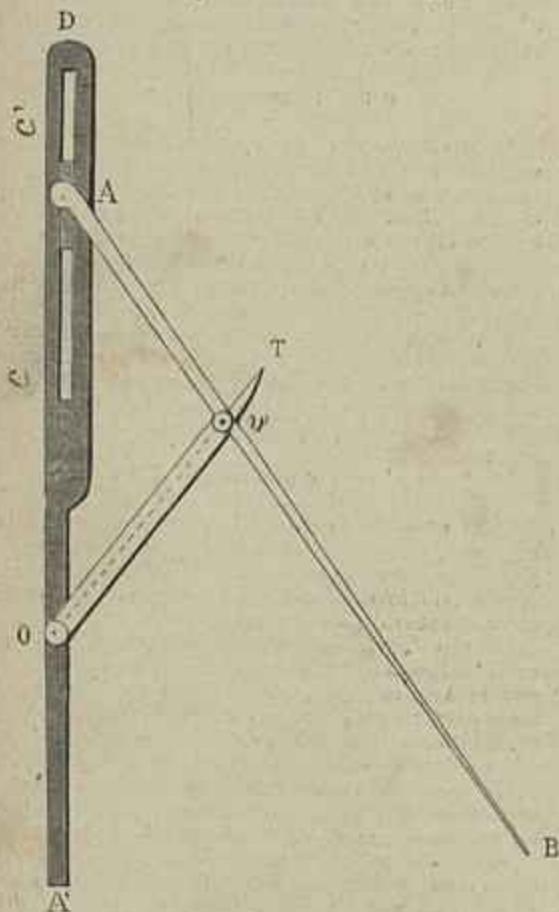


Fig. 2

USO DO COMPASSO

Dado o angulo AOB (fig. 3.<sup>a</sup>) tomem-se os lados OA e OB, eguaes ao raio do compasso trisector (A'O) e descreva-se uma semicircumferencia ABA'. Pelo ponto B trace-se a corda BB' paralela ao diametro AA'.

Assente-se a haste A'A do compasso de modo que o ponto A' coincida com o ponto A' da semicircumferencia e a linha media da haste A'D com o diametro A'A. E' claro que o centro do eixo em O do compasso coincide com o vertice do angulo dado, por ser o raio da semicircumferencia igual ao do compasso.

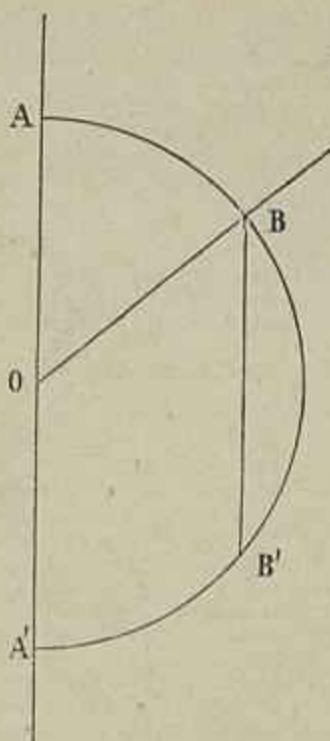


Fig. 3

Movendo o cursor, de modo que AB do compasso passe por B' da figura, a recta OT do compasso determina uma das trissectrizes do angulo AOB.

DEMONSTRAÇÃO

Pelas condições do compasso, applicado este á figura 3.<sup>a</sup> vê-se que elle determina (fig. 1.<sup>a</sup>) a secante B'D com uma parte externa TD equal ao raio. Esta secante tem um dos pontos de intersecção em T e o triangulo isosceles DTO tem eguaes os angulos ADT e AOT (1).

Ora se por T traçarmos a corda TT' paralela ao diametro AA' será tambem, paralela a BB', traçada sob condição de ser paralela ao mesmo diametro

Temos pois ADT = T'TB' = AOT (1).

$$AT = \frac{T'B'}{2}; \text{ e } T'B' = TB = 2 AT.$$

$$AB = AT + TB = AT + 2 AT = 3 AT.$$

$$AB = 3 AT \text{ ou } AT = \frac{AB}{3}$$

OBSERVAÇÃO

Como A'B' é equal a AB e  $\frac{A'B' - AT}{2}$  é medida do angulo A'DB' fica demonstrado o principio fundamental do compasso.

Não resta pois duvida que o compasso apresentado, quanto rigorosamente construido é um trisector rigoroso do angulo.

A primeira vista parecerá que o trisector só é applicavel a arcos entre 0.<sup>o</sup> e 90.<sup>o</sup> Não é assim: se não forem, para o limbo das inutilidades, as linhas agora oferecidas, em subsecente artigo explicarei algumas hypothesees de applicação do compasso e a generalisação do seu emprego a qualquer angulo entre 0.<sup>o</sup> e 180.<sup>o</sup>

Lisboa 1895.

Graça Affreixo.



Recebemos e agradecemos:

Estudos Criticos, das épocas do serviço postal na India portugueza marcadas pelo ex.<sup>mo</sup> sr. José Antonio Ismael Gracias. Nova Goa; Imprensa Nacional, 1895.

E auctor d'esta compilação o sr. Philotheo Pereira d'Andrade, illustrado goense a quem devemos a gentileza da offerta do presente trabalho. N'elle vem colligidas as cartas em que se travou a polemica sobre as datas do começo dos correios em Goa.

As cartas assim reunidas concorrem bastante para que os leitores curiosos façam uma ideia ni-

tida das rasões adduzidas de parte a parte e comparem as que melhor assistiam a cada um dos eruditos polemistas

Segundo vêmos de opiniões mais auctorizadas o sr. J. A. Ismael Gracias não errou quando no seu magnifico trabalho: *Memoria sobre os correios na India*, fez remontar a menção mais antiga do correio interno a 1566, pois que os documentos historicos assim o attestam.

Como reparo nosso, só têmos a dizer que o sr. Philotheo teve n'este assumpto um mau ponto de partida pois que se baseou n'um dado referente a outro facto quando a pagina 20 da citada memoria já se avançava mais do que elle pretendia.

Alegra-nos, comtudo, vêr como os dois eruditos portuguezes pleitearam a questão com equal honra e proficiencia e por isso felicitamos ambos pelo empenho que tiveram em determinar á luz da historia a exactidão de uma data deveras importante pelo facto a que se refere.

*Le Monde Moderne, Revue mensuelle illustrée, Juillet 1895. Paris.*

O presente numero da apreciavel revista forma o primeiro do segundo volume.

Inexcedivelmente impressa, acompanhada de magnificos desenhos, apresenta artigos curiosissimos e selectos.

Entre outros o que mais nos agradou é aquelle em que se descrevem os trabalhos de machinismo e de scenographia que se fizeram para as representações do *Tannhauser*.

E' gracioso o artigo sobre theatros de feira e caracterisação dos seus personagens historicos.

Uma visita ao Instituto Pasteur, na China, e outros, são trabalhos interessantes e á altura da bella publicação franceza. Egalemente temos presente o numero de agosto.

*Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. Terceira serie n.<sup>os</sup> 3 e 4. Lisboa, 1895.*

Não se podem repatear elogios á boa direcção que este periodico apresenta. O erudito archeologo sr. Gabriel Pereira não se tem poupado a dar a esta publicação uma certa amenidade litteraria sem perca do interesse scientifico que deve apresentar.

Não se pôde realçar qualquer artigo pois todos são egualmente importantes de forma que o magnifico boletim se pôde citar como um modelo muito seguivel.

*Rascunhos, revista quinzenal n.<sup>o</sup> 1. Montemor-o-Novo. Junho de 1895.*

Delicada revista alemtejana, bem collaborada sobressahindo umas poesias do sr. José Guerra e Carlos da Silva.

No seu artigo *Eccos* refere-se ao fallecimento do nosso director — Gervasio Lobato, é assignado por Raul Negro.

Longa vida á graciosa publicação.

*Revista theatral, publicação quinzenal de assumptos theatraes. Directores Collares Pereira e Joaquim de Miranda.*

Temos recebido esta magnifica publicação, em que se vêem magnificos artigos de pennas laureadas.

Adstricta á *Revista* publica a empresa, cada numero, uma folha de um drama destinado a formar depois um livro. A impressão é cuidada, magnifica.

Já sahiu o *Saltimbanco* de Antonio Ennes e agora está publicando a *Jucunda* de Abel Botelho.

*Revista do Minho, dedicada ao estudo das tradições populares. Director, José da Silva Vieira. xi anno de publicação. Exposede, 1895.*

Curiosissima publicação de valioso subsidio para o estudo das tradições populares. Dirigida proficientemente pelo distincto folklorista José da Silva Vieira Os numeros que temos presentes encerram mais de 300 quadras populares recolhidas no Alemtejo por outro cavalheiro tambem bastante dedicadô a estes estudos o sr. A. Thomaz Pires.

Almanach illustrado do «OCCIDENTE» para 1896

Está no prelo este interessante annuario illustrado com grande profusão de gravuras.

Recebem-se annuncios, charadas etc. para este almanach até o dia 30 do corrente.

Empreza do «OCCIDENTE»